

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

ANNO I

DESTERRO, 29 DE DEZEMBRO DE 1867.

N. 14.

A ESPERANÇA.

Lá nos dourados dias do futuro, quando o nosso espirito se conhecer satisfeito, e tivermos pelos trabalhos de hoje um lugar distincto entre os nossos irmãos; lá, nosse descansar suave das nossas fadigas, quando o caminho á seguir fôr todo — flores; lá, que o dia de hoje nos aponta como o complemento dos nossos trabalhos; lá... é que devemos bem avaliar quanto os nossos esforços foram então necessarios para nos tirar dessa indifferença, em que sem duvida, teriamos ficado, se não fosse a nossa applicação.

Lá d'onde o pensamento escuta lindas harmonias, e para onde se vão as nossas vistas; lá, em cujo espaço brilha o nosso nome, e nos esperam os louros da victoria; lá — um continuo riso; lá — existe a nossa perfeição.

Trabalhemos, é o que cumpre se diga sempre entre nós, e nunca mais nos esqueçamos, de que nos reunimos para trabalhar-juntos.

A lei que nos obriga está gravada nos nossos corações pela vontade infinita. Trabalhemos... é o que costuma bradar o poeta para o poeta, o litterato para o litterato, e o philosopho para o philosopho; seja este tambem o nosso brado, e que fulgores se desprendem d'essa obrigação das nossas faculdades quando trabalhamos, e uma nuvem de felicidade vae pouco e pouco tomando corpo nos dias que passamos.

Trabalhemos... E' o trabalho, esse motor de tantas cousas uteis para a humanidade — que tem a chave de todos os thesouros, de que necessitamos; é só elle que guarda em si todas as riquezas, de que podemos ornar a nossa intelligencia.

Tenhamos vontade, e esta vontade dos filhos do trabalho, seja rica de fé, e de esperança.

Trabalhemos, porque só do trabalho, deste bom companheiro dos nossos dias é que chegaremos á sentir esse prazer infinito, que naturalmente devemos gozar no futuro.

Mocidade, que melhor occasião de exercer-

mos os nossos talentos se não agora, que estamos todos reunidos n'essa idéa vasta, grande e magestosa — na idéa do progresso.

Caminhemos, tenhamos jubilo com os trabalhos de hoje, e cada vez mais nutramos esperanças.

Imagem apenas de um successo futuro, madrugada, ou começo de um astro vindouro, o talento de hoje animado por tanto entusiasmo, e fogo juvenil se prepare com afinco para esse tempo, aonde estão viçosos seos louros, seo premio, e sua gloria.

Tenhamos por nossa animação, e pelo incentivo proprio da nossa alma as tres forças sublimes — influencia no presente, vontade de caminhar e creença no futuro.

Via... avante! mocidade.

F. NORONHA.



Sonho de Marc-Aurelio

TRADUZIDO DO FRANCEZ

Por Pellico.

Meditava sobre a dôr. A noite já era adiantada: o somno fatigava minhas palpebras e tornava cada vez mais provada sua necessidade; todavia luctei mais tempo até que me vi obrigado á ceder, adormeci, e n'este intervallo de um curto descanso tive um sonho: Vi n'um vasto portico muitos homens reunidos... ostentavam todos um aspecto augusto e tinham no semblante alguma cousa de grande. Posto que não tenha sido do seo tempo, suas feições não me eram desconhecidas, pareceo-me ter muitas vezes contemplado suas estatuas em Roma.

Os contemplava, os olhava fixamente, quando de subito uma voz terrivel e forte se escutou vinda do portico: MORTAES, APRENDEI Á SOFFRER. Ao mesmo tempo vi operada a mais sublime e lugubre transformação á que se possa assistir: perante um d'estes homens do portico se abriram chammas vivas e ferozes, ás quaes unio elle sua mão de martyr; á um outro foi-lhe dado veneno para be-

ber, não houve recusa, fel-o até em honra aos Deoses; um terceiro que estava em pé junto á estatua da Liberdade cahida, tinha n'uma das mãos um livro, e na outra uma espada cuja lamina mirava; mais longe pude também distinguir um homem ensanguentado, porem altivo, calmo e, reflectindo em suas faces mais tranquillidade de espirito do que seos algozes parecendo victoriosos: corri á elle e exclamei: « Regulo és tu? » porem dormia, e nada ouvi d'este martyr sublime... por mais tempo não pude soffrer taes scenas, e procurei affastar d'ahi meos olhos, mas de novo novas dôres vierão enlutar minh'alma: vi Fabricio na pobreza, Scipião morrendo no exilio, Epitecto escrevendo na prisão, Seneca e Thraceas com as veias rasgadas e olhando tranquillamente o sangue que corria; oh! no meio de tamanha desgraça não pude deixar de chorar! mas... minhas lagrymas foram reprehendidas pelos sabios, cuja admiração me espantou: um d'elles foi « Catão », sim, foi elle, este homem heróe aproximou-se de mim e fallou: « Não nos lamentes, imita-nos, e aprende tu também á vencer a dôr »! Dizendo estas palavras, pareceo-me que erguia contra si o ferro que tinha na mão; quiz paral-o, tremi, e me acordei. Reflecti então sobre o sonho e conheci que esses males suppostos não tem poder de destruir uma coragem firme e resolvi ser homem — « soffrer e praticar o bem ».

THOMAS (Elogio de Marc-Aurelio.)



Maria.

Foi em 177...

A noite estava medonha: grossas nuvens, preches de electricidade, amontoadas aqui e alli annunciavão grande tempestade. Reinava uma calma tal, que poucos serião os habitantes da nossa cidade do Desterro que se conservassem em casa, á despeito mesmo da tormenta em principio. Todos querião respirar, mas o calor excessivo que então fazia, não dava logar á que esse elemento que sustenta o homem, viesse refrescar os pacificos colonos!

Ainda nesse tempo as casas desta nossa pequena cidade, não erão, como hoje, guardadas de vidraças que tanto as aformoseão; não, rotulas simples e com mais ou menos gosto, segundo as posses do proprietario, ornavão tanto a frente da casa do rico como a do pobre. Em uma, pois, das casinhas que ficavão na rua, conhecida hoje por — rua da Constituição —, estava sentada junto á rotula, uma menina casta e bella e que poderia ter em rigor dezeseis annos. Seus olhos meigos e ternos exprimião uma melancolia, que a tornava recommendavel á primeira vista.

Sentada junto á rotula, ella olhava alternativamente, ora para a rua, ora para a porta de um pequeno quarto, cujas carunchosas paredes parecião estar de acordo com os moveis da casa, quasi tão velhos como a dona que jazia em um leito de dôr e talvez de miseria!...

Maria, pois assim se chamava a moça, não cessava de olhar: o brando respirar da velha chegando de quando em quando á seus ouvidos, fuzia volver machinalmente seus olhos pretos dos quadrados da rótula para a vetusta marqueira, que servia de cama, e onde descansava aquelle corpo quasi inerte!

E Maria despregando depois seus olhos della com um profundo suspiro, ia de novo collocal-os na rótula, pronunciando apenas e muito baixinho estas duas palavras tão breves:—Ainda não!

No entretanto as nuvens accumuladas para o lado do S. tornavão-se cada vez mais espessas e a trovoada já se fazia ouvir.

De quando em quando um relampago acompanhado de um trovão vinha illuminar a cidade ao mesmo tempo que pünha em sobressalto toda a população.

Já todos caminhavão apressados para casa, as velhas rezando e as moças tremendo de susto: algumas até choravão!

E lá um ou outro louco, que não sabendo apreciar a terrivel situação em que se achava a pobre população da ilha, augmentava ainda mais aquelle pavor, gritando aos que se recolhião:—E' um furacão! é um furacão! Misericórdia! meu Deos! misericórdia!

E o temor augmentava sempre!...

Mas, Maria, só, triste e silenciosa, orava e orava baixinho, não para que Deus applicasse a trovoada nem a tempestade porque ella nem isso tinha presentido; mas orava por sua visavó moribunda... orava por seu tio pescador (unicas pessoas á quem ella podia dar o nome de parentes, pois era orphã) o qual tendo sahido pela manhã, não voltara mais em todo o decurso do dia!

A velha continuava sempre a dormir, mas derepente a respiração foi se tornando cada vez mais espaçosa... e Maria chegou á pensar que aquillo fosse melhoras, por quanto ella tinha passado horivelmente a tarde!...

Como se enganava!

Pobre menina!

E' sempre assim que acontece!

(Continua.)



Sonhei...

..... In that sleep what dreams may come!

(SHAKESPEARE.)

Na noite da tempestade
Em que o céu se-desfazia,

Em que a triste claridade
Do relampago fulgia;
'Nessa noite em que fremia
A trovada nos céus,
Em que pesava o remorso
Sobre a cabeça dos réus;
Sim, 'nessa noite horrorosa,
Com o corpo addormecido
E a alma a vagar ansiosa
No céu do sonho e do olvido;
'Nessa noite, sim, mulher,
Sonhei contigo. . . .

Siquier

Fui um momento feliz,
E o coração palpitou-me
Da alegria que se-sente
E que a palavra não diz;
D'essa alegria innocente
Que devem os anjos ter,
Os anjos de Deus sómente. . . .
E eu tive-a também, mulher!

Que sonho que foi aquelle,
Que te não posso explicar!
Que vida que vivi 'nelle
De inexprimível gosar!
Estavas co'a fronte baixa,
Alegre e triste — a scismar,
Com teu olhar somnolento. . . .
Cheguei-me de leve a ti. . . .
E a fronte que te-pendia
Ergueste alegre um momento
E logo a inclinaste. . . .

Alli

—A teus pés— me-parecia
Que o sangue todo affluía
A' fronte que enlouquecia
Por ti, mulher, só por ti!

Depois. . . não sei se foi vida,
Si foi morte que me-dêste,
Quando, neio addormecida,
Sobre o meu peito pendeste
Essa cabeça formosa. . . .
E com a voz já sumida
Uma palavra disseste,
Uma só, mas tão maviosa
Que eu não posso repetir. . . .
Uma palavra d'aquellas
Que incerram todo um porvir;
Que, sendo urna vez ouvidas,
Jamais se-tornam a ouvir,
Nem mesmo sendo fingidas. . . .

E adormeceste. Na fronte,
Onde pousava o pudor
D'essa alma virginea, insonte
Eu quiz pousar os meus labios

'Num devaneio de amor,
E dar-te um beijo. . . Loucura
Foi essa dos sonhos meus. . . .
Quiz appertar-te a cintura,
E já te não vi. . . — Não sei
Si tu subiste p'ra os céus,
Si te-sumiste na terra. . . .
Mas eu. . . ai mulher! — chorei!

Que vida que foi aquella
Passada alli, 'num momento
Que vale mais que vinte annos
Volvidos no desalento
Pélo caminho poento
D'este viver de amargor!
Que vida livre de inganos,
Em que do peito os arcanos
Palpitam cheios de amor!
Foi um instante — e fugiu
Como fogem os instantes;
E as pulsações offegantes
Do coração — se-esvaíu. . . .
E te-esvaístes também,
Dos meus sonhos delirantes,
Quando os labios anhelantes
Roçaram-te a fronte, ai bem!

Na escuridão da caligem,
Que intão obumbrava o céu,
Fiquei intregue á vertigem
Que desvaira o que descreu. . . .
E eu 'nesse instante — descri,
Porque a esp'rança derradeira
Perdeu-se, morreu-me alli
Toldando-me a vida inteira. . . .
E embora o céu trovejasse,
Embora o raio estalasse,
Eu 'nesse instante descri!
Mas eu sonhava, e sonhando
Via, sentia, escutava
O que estava se-passando
No céu, na terra. . . — Luctava
Co'a dor que me-ia mactando
Após o goso e o delirio
D'aquelle infernal martyrio. . . .

Ai! foi no mundo dos sonhos
Um sonho a que succedeu
A imagem da realidade
Com uns esgares medonhos,
Como era medonho o céu
Na noite da tempestade. . . .
E, todavia, eu quizéra
Sonhar outra vez assim,
Porque sonhando — eu vivêra,
E amáras, mulher, — a mim. . . .

Eduardo Nunes.

VERSOS

à

MORENINHA.

I

Oh ! meiga virgem,
Sempre fagueira,
Assás formoza,
Tão prazenteira;

Si não quizeres
Que, desgraçado,
Eu viva afflicto,
Tão maltractado:

Manda-me um rizo
D'almo pudôr,
Callar o pranto
Da minha dôr.

Não te demores,
Dá-me soccorro,
Linda morena,
Si não eu morro.

II

Moreninha gentil é formoza,
Adornada de graça e primôr,
Não me negues, por Deus, eu te peço,
Dos teus labios um rizo de —amôr.

Dá-me vida querida donzella,
Sim, minora esta minha afflicção....
Ai ! soccorre, morena, morena,
Ai ! soccorre este meu coração !....

III

Soccorre, soccorre, gentil moreninha,
Soccorre, soccorre este teu trovadôr,
Que vive gemendo, chorando constante,
Sem ter linitivo p'ra tanto amargôr...

Soccorre, soccorre, não tardes, formoza,
Meu triste, mas firme e leal coração,
Que, oppresso de angustias, angustias e dôres,
No peito me pulsa com grande afflicção !...

So corre, soccorre, querida deidade,
A' quem te venera com tanto fervôr...
Que, além de adorar-te com grande firmeza,
Embora mesquinho, é também teu cantôr.

Attende, donzella, meu bem, minha vida,
Attende aos meus rogos, á minha paixão....
Soccorre, soccorre, gentil moreninha,
Soccorre, soccorre este meu coração.

Ai ! meu anjo, por piedade,
Dá-me, dá-me a flicidade,
N'este meu triste viver;
Que eu protesto, moreninha,
Minha bella Prudencinha,
—Adorar-te até morrer !....

Almeno Carolino.

Desterro. — 67.



Logogripho.

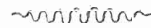
Co'a a minha primeira syllaba
Negar não posso onde estou;
Co'a primeira e a segunda
A' vinha um auxilio dou.

A segunda diz que parta
Logo que assim se ordenou:
Co'a segunda e a primeira
Fui novilha, hoje não sou.

A primeira co'a terceira,
Movel de pouco valor:
Se a terceira repetires
Fructo sou de bom sabor.

Eu explico. O logogripho
Entre si tem tres vogaes:
Consoantes outras tantas,
Mas só duas são iguaes.

Dias.



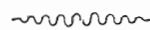
Charadas.

Na musica nota — 1
Signal de ternura — 1

CONCEITO.

Eu marco nos homens
Desgosto ou ventura.

Dias.



Medida do norte. — 2
Prizão em Portugal. — 2

C.

Qualquer me veste.

Dias.